

SOCIOLOGIA E LINGUAGEM DO TEXTO BÍBLICO

Terminologias, instituições e categorias para uma leitura não anacrônica da Bíblia

A Bíblia é eterna em sua autoridade, mas não é atemporal em sua linguagem.

- **Leitura:**

 **Ne 8.8:** *“Leram no livro, na Lei de Deus, claramente, dando explicações, de maneira que entendessem o que se lia.”*

Compreender a Bíblia exige mais do que ler suas palavras. Uma palavra pode ser reconhecida pelo leitor e, ainda assim, não ser compreendida conforme o sentido que possuía no mundo em que foi utilizada. A leitura bíblica ocorre sempre por meio de categorias, experiências e conceitos que o próprio leitor traz consigo; por isso, uma das tarefas fundamentais da interpretação é aprender a distinguir entre aquilo que pertence ao texto e aquilo que nós, conscientemente ou não, levamos para ele.

- **Apresentação:**

A Bíblia foi escrita em contextos históricos concretos, por autores inseridos em sociedades específicas e dirigida, inicialmente, a pessoas que compartilhavam determinadas linguagens, instituições, costumes e formas de compreender o mundo. Embora sua mensagem possua autoridade permanente, suas palavras foram registradas dentro de realidades sociais que não podem ser simplesmente confundidas com as categorias do mundo moderno.

O leitor contemporâneo, entretanto, aproxima-se naturalmente do texto bíblico trazendo consigo seu próprio vocabulário e suas próprias estruturas de pensamento. Palavras como *povo, família, casa, servo, judeu, gentio, igreja, sacerdote, reino* ou *lei* podem parecer imediatamente compreensíveis, mas frequentemente carregam, no texto bíblico, sentidos sociais, históricos e linguísticos que não correspondem exatamente às concepções atuais. Ler uma palavra conhecida não significa, necessariamente, compreendê-la como seus primeiros leitores a compreendiam.

 **At 8.30-31:** *“Correndo Filipe, ouviu que ia lendo o profeta Isaías e perguntou: Entendes o que lês? Ele respondeu: Como poderei entender, se alguém não me ensinar?”*

- **Base do curso.**

Este curso propõe, portanto, uma aproximação ao texto bíblico a partir de suas terminologias, instituições e categorias sociais. Seu objetivo é ajudar o estudante a reconhecer o mundo pressuposto pelo texto: as formas de organização familiar, política e religiosa; as identidades coletivas; as relações de parentesco e pertencimento; as instituições que estruturavam a vida social; e as categorias por meio das quais homens e mulheres do mundo bíblico interpretavam a realidade.

Não se trata de reduzir a Bíblia à sociologia, nem de submeter sua autoridade às teorias modernas. A sociologia e o estudo da linguagem são utilizados aqui como instrumentos de leitura, capazes de nos ajudar a perceber aquilo que muitas vezes permanece invisível ao leitor moderno: as pressuposições sociais presentes por trás das palavras e dos acontecimentos narrados pelo texto.

 **Hb 1.1-2:** *“Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias, nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo.”*

- **Aplicação.**

Uma preocupação central do curso será evitar o anacronismo — isto é, a transferência automática de conceitos, instituições e identidades de um período histórico para outro. Nem todas as categorias que utilizamos hoje existiam no mundo bíblico, e mesmo aquelas que possuem nomes semelhantes podem ter desempenhado funções diferentes. Por isso, compreender a Bíblia exige, muitas vezes, interromper nossas associações imediatas e perguntar: o que essa palavra significava naquele contexto? Como essa instituição funcionava? Que realidade social essa categoria procurava descrever?

 **1Co 14.10-11:** *“Há, sem dúvida, muitos tipos de vozes no mundo, e nenhuma delas é sem sentido. Se, pois, eu ignorar a significação da voz, serei bárbaro para aquele a quem falo, e o que fala será bárbaro para mim.”*

- **Propósito.**

O propósito deste estudo é, portanto, simples: aprender a ler o mundo bíblico em suas próprias categorias antes de interpretá-lo a partir das nossas. Quanto mais cuidadosamente reconhecermos as terminologias, instituições e formas de pensamento que estruturam o texto, mais preparados estaremos para ouvir o que

ele realmente diz, evitando que nossas próprias categorias ocupem o lugar daquelas presentes no mundo em que a Escritura foi produzida.

 **Mc 7.8-9; 13:** *“Negligenciando o mandamento de Deus, guardais a tradição dos homens. E disse-lhes ainda: Jeitosamente rejeitais o preceito de Deus para guardardes a vossa própria tradição. [...] invalidando a palavra de Deus pela vossa própria tradição, que vós mesmos transmitistes; e fazeis muitas outras coisas semelhantes.”*

INTRODUÇÃO:

Há uma pergunta que deve nos desconfortar.

Quando abrimos a Bíblia, geralmente acreditamos que sabemos o que suas palavras significam. Lemos termos conhecidos, reconhecemos instituições aparentemente familiares e rapidamente associamos personagens, acontecimentos e conceitos às categorias que aprendemos em nosso próprio mundo. Entretanto, essa familiaridade pode esconder um perigo:

- **Será que estamos realmente lendo a Bíblia como ela foi escrita ou estamos lendo a Bíblia através das categorias, conceitos e experiências que pertencem à nossa própria sociedade?**

Uma palavra pode nos parecer conhecida e, ainda assim, possuir no mundo bíblico um significado diferente daquele que imediatamente lhe atribuímos. Uma instituição pode receber um nome que reconhecemos, mas funcionar segundo estruturas completamente distintas das nossas. Assim, antes de perguntar o que o texto significa para nós, precisamos aprender a perguntar o que suas palavras, instituições e categorias significavam dentro do mundo em que o próprio texto foi produzido.

- **Exercício útil:**

O parágrafo seguinte seria facilmente compreendido em Minas Gerais. Entretanto, embora mantenha o idioma e uma construção textual contemporânea, apresentaria algum grau de dificuldade para leitores de outras regiões do Brasil.

Arreda um pouco esse trem daí para eu sentar e vê se acha meu atador, porque preciso garrar no trabalho. Esse menino é custoso demais: fez um bololô, avuou meus trens e, na hora em que a chuva apertou, cascou fora. Põe reparo, fiquei capiongo com a situação que até caiu meu disjuntor, mas também não vou gastar vela com defunto ruim; ainda mais porque aquele sujeito é amarrado demais e deixou aquele trem todo para eu resolver.

A música a seguir, intitulada “Do Fundo da Grotá”, pertence ao cantor e compositor Baitaca, nome artístico de Antônio César Pereira Jacques, e está inserida no estilo nativista tradicionalista da música gaúcha.

Fui criado na campanha Em rancho de barro e capim Por isso é que eu canto assim Pra relembrar meu passado Eu me criei arremedado Dormindo pelos galpão Perto de um fogo de chão Com os cabelo enfumado	Região biogeográfica dos pampas gaúchos; extensas planícies e campos abertos voltados predominantemente para a pecuária. Habitação rural construída de pau-a-pique (paredes de barro entrelaçado em madeira) e coberta com capim trançado. Viver improvisado, encolhido, ajeitado como dá, de forma precária contra o frio. Centro da convivência campeira, onde se guardam os aperos (arreios do cavalo), prepara-se o chimarrão e acolhem-se os peões. O fogo aceso diretamente no solo, no centro do galpão ou ao ar livre (roda para se aquecer, tomar chimarrão, assar carne e contar histórias. É um dos maiores símbolos da identidade e hospitalidade sul-riograndense.
Escuto o grito do sorro E lá no piquete Relincha o potro tordilho Na boca da noite Me aparece um zorrilho Vem mijar perto de casa Pra enticar com a cachorrada	Nome popular dado no Rio Grande do Sul e países platinos ao graxaim (uma espécie de raposa nativa da região). O "grito do sorro" é o som característico desse animal ao anoitecer, um sinal típico da vida no meio do campo deserto. Pequena área gramada e cercada, situada próxima à casa ou ao galpão da estância, destinada a manter cavalos de uso diário, animais doentes ou potros em amansamento. (idade e pelagem) Uma das pelagens mais tradicionais dos cavalos gaúchos, caracterizada por pelos brancos mesclados com preto ou cinzas. Mamífero carnívoro da família dos mefitídeos (equivalente ao gambá americano), famoso por expelir o odor forte e incômodo. Instigar, provocar perturbação.

A – Categorias e significados anacrônicos.

Antes de discutirmos conceitos, instituições ou terminologias, precisamos começar com algumas perguntas aparentemente simples. Elas têm o objetivo de revelar um problema fundamental da leitura bíblica: frequentemente acreditamos compreender determinadas palavras porque elas nos são familiares, sem perceber que estamos atribuindo a elas significados construídos em nosso próprio mundo.

B – Abraão era judeu?

A pergunta parece simples. Abraão era semita? Era hebreu? Era israelita? Era judeu? Pertencia ao judaísmo? Moisés era semita, israelita ou judeu? Davi era judeu? Jesus era judeu? Paulo era judeu? Em que momento essas diferentes designações podem ser utilizadas e o que cada uma delas significava?

 **Gn 14.13:** *"Então, veio um que escapara e o contou a Abrão, o hebreu, que habitava junto dos carvalhais de Mambre, o amorreu, irmão de Escol e de Aner; estes eram aliados de Abrão."*

Temos aqui a designação hebreu. Posteriormente, Jacó recebe outro nome:

 **Gn 35.10:** *"Disse-lhe Deus: O teu nome é Jacó; já não te chamarás Jacó, mas Israel será o teu nome. E lhe deu o nome de Israel."*

Agora surge Israel, e seus descendentes serão conhecidos como israelitas. Em outro período histórico, encontramos a designação judeu.

 **Et 2.5:** *"Ora, na cidadela de Susã havia um homem judeu, cujo nome era Mordecai, filho de Jair, filho de Semei, filho de Quis, homem benjamita,"*

As palavras não devem ser simplesmente tratadas como sinônimos atemporais. Cada uma pertence a contextos históricos e sociais específicos. Assim, antes de afirmar que Abraão, Moisés ou Davi eram “judeus”, precisamos perguntar se estamos utilizando uma categoria historicamente adequada ao período em que viveram.

C – Jesus era judeu ou era cristão?

A primeira pergunta normalmente recebe uma resposta imediata: sim para as duas questões.

 **At 11.26:** *E, em Antioquia, foram os discípulos, pela primeira vez, chamados cristãos.*

 **Jo 4.9:** *"Disse-lhe, pois, a mulher samaritana: Como, sendo tu judeu, pedes de beber a mim, que sou mulher samaritana?"*

A simples existência do primeiro texto já nos obriga a considerar o desenvolvimento histórico das terminologias. Não podemos simplesmente transportar para os primeiros anos da vida de Jesus todas as categorias religiosas e institucionais que posteriormente seriam desenvolvidas pelo cristianismo. O segundo, nos obriga a perguntar o que a personagem samaritana queria dizer ao afirmar que Jesus era judeu.

- Isso nos leva a uma pergunta metodológica:

Quando utilizamos uma palavra bíblica, estamos utilizando-a como o texto e seus primeiros leitores a compreenderiam ou estamos atribuindo-lhe um significado construído posteriormente?

D – Os discípulos e a igreja.

Imagine a seguinte afirmação: Os discípulos foram à igreja. Para um leitor contemporâneo, essa frase provavelmente produziria uma imagem imediata: um prédio, um culto, uma congregação organizada ou uma instituição religiosa semelhante àquela que conhecemos hoje.

 **At 14.23:** *"E, promovendo-lhes, em cada igreja, a eleição de presbíteros, depois de orar com jejuns, os encomendaram ao Senhor em quem haviam crido."*

 **Mt 18.17:** *"E, se recusar ouvir aos tais, dize-o à igreja; e, se recusar ouvir também a igreja, considera-o como gentio e publicano."*

O que exatamente a palavra “igreja” significava nesses textos? O leitor não deve automaticamente transportar para a *ekklesia* do primeiro século toda a estrutura, história e organização que a palavra igreja adquiriu posteriormente.

O mesmo problema ocorre com muitas outras palavras. Quando lemos *casa*, pensamos apenas em uma construção? Quando lemos *servo*, imaginamos automaticamente uma categoria específica de trabalho? Quando lemos *povo*, pensamos em uma nação moderna? Quando lemos *família*, imaginamos a estrutura familiar contemporânea?

Essas perguntas nos conduzem ao problema central desta disciplina:

- Será que realmente estamos lendo a Bíblia como ela foi escrita, ou estamos lendo a Bíblia através das categorias que aprendemos em nosso próprio mundo?

Os cinco pontos a seguir constituem o eixo metodológico deste curso. Eles orientam a maneira como nos aproximaremos das palavras, instituições e categorias presentes no texto bíblico. Partiremos do reconhecimento de que a Bíblia foi produzida em um mundo diferente do nosso, que suas palavras não podem ser interpretadas isoladamente e que sua compreensão exige atenção às terminologias, instituições e categorias sociais que estruturavam aquele universo. Ao mesmo tempo, aprenderemos a reconhecer os perigos do anacronismo, sem abandonar a possibilidade de estabelecer analogias legítimas entre o mundo bíblico e o nosso.

A – A Bíblia não nasceu em nosso mundo.

A Bíblia não nasceu em nosso mundo. Embora seja lida hoje por pessoas de diferentes países, culturas e períodos históricos, seus livros foram produzidos em sociedades concretas, dentro de línguas, costumes, instituições e formas de organização próprias. Entre o leitor contemporâneo e os primeiros destinatários do texto existe uma distância histórica, social e cultural que não pode ser ignorada.

A Bíblia foi escrita em:

- sociedades antigas;
- línguas antigas;
- estruturas familiares antigas;
- sistemas políticos antigos;
- economias antigas;
- instituições religiosas antigas;
- sistemas de honra e vergonha;
- relações de parentesco;
- concepções próprias de tempo e espaço.

 **Lc Mt 10.14:** *“E, se alguém não vos receber, nem ouvir as vossas palavras, saindo daquela casa ou daquela cidade, sacudi o pó dos vossos pés.”*

O leitor moderno pode entender esse gesto simplesmente como: “Se alguém não gostar da minha pregação, vou embora”, ou como uma mera demonstração de irritação ou desprezo. Entretanto, há uma linguagem social e simbólica por trás do ato de sacudir o pó dos pés. No contexto da missão dos discípulos,

tratava-se de um gesto simbólico de ruptura e testemunho: ao deixar uma casa ou cidade que rejeitara a mensagem, os discípulos demonstravam que não assumiriam responsabilidade por aquela rejeição, deixando para trás até mesmo o pó daquele lugar como sinal de separação e de que o testemunho lhes havia sido dado. Além disso, havia no contexto judaico uma associação entre o pó de território gentílico e a impureza. Assim, quando Jesus ordena que os discípulos realizem esse gesto diante de uma cidade israelita que rejeitara a mensagem, ela é simbolicamente tratada como estando em condição semelhante à de um território gentílico. Trata-se, portanto, de um ato de testemunho e advertência de juízo, e não de uma simples manifestação pessoal de irritação ou desprezo.

- O texto descreve um gesto; a cultura fornece seu significado.

Os autores bíblicos falavam de realidades que seus primeiros leitores conheciam. Quando mencionavam uma casa, uma família, um sacerdote, um rei, um escravo, uma cidade, um sacrifício ou uma festa, não precisavam explicar todos os aspectos dessas realidades. Elas pertenciam ao mundo compartilhado entre autor e leitor.

 **Lc 13.25:** *"Quando o pai de família se levantar e fechar a porta, e vós, do lado de fora, começardes a bater à porta, dizendo: Senhor, abre-nos! ele vos responderá: Não sei donde vós sois."*

Para compreender plenamente uma imagem como essa, não basta conhecer isoladamente o significado das palavras *casa*, *porta* e *dono*. A imagem pressupõe experiências sociais comuns aos ouvintes de Jesus e utiliza uma realidade conhecida para comunicar uma verdade maior.

Culturalmente, a imagem pressupõe a casa antiga como espaço de pertencimento e proteção, especialmente durante uma refeição, celebração ou reunião. O pai de família (*oikodespotēs*) é o senhor da casa, responsável por admitir e reconhecer aqueles que pertencem ao ambiente doméstico. Enquanto a porta permanece aberta, há acesso; uma vez encerrada a ocasião e fechada a porta, os que ficaram do lado de fora são excluídos daquele espaço de comunhão e segurança.

Isso não significa que a Bíblia seja incapaz de falar ao nosso mundo. Significa, antes, que devemos evitar o caminho inverso: não devemos imaginar que o mundo bíblico era automaticamente semelhante ao nosso apenas porque utilizava palavras que também reconhecemos.

- B – Palavras não existem isoladamente.
- C – Terminologias, instituições e categorias.
- D – Cuidado com o anacronismo.
- E – Evitar o anacronismo não proíbe analogias.

Ainda para a aula introdutório, construa esses pontos.

- A - A Bíblia não nasceu em nosso mundo.
- B – Palavras não existem isoladamente.
- C – Terminologias, instituições e categorias.
- D – Cuidado com o anacronismo.
- E – Evitar anacronismo não proíbe analogias.

O que é anacronismo?

EVITAR ANACRONISMO NÃO SIGNIFICA PROIBIR ANALOGIAS

A BÍBLIA PRESSUPÕE INSTITUIÇÕES QUE O LEITOR PRECISA CONHECER

Aqui podemos introduzir uma das três palavras do subtítulo:

TERMINOLOGIAS — INSTITUIÇÕES — CATEGORIAS